

Comunique-se!

No segundo andar daquele prédio funcionavam seis escritórios. Embora cada um cuidasse de negócios diferentes, havia uma comunicação constante entre as pessoas que ali trabalhavam. Quanto mais tranqüilo estivesse o dia, maior era o entrosamento.

Ao passar em frente à sala 202, doutora Vilma parou e puxou conversa com a secretária que trabalha para o seu Humberto:

- Vejo você debruçada sobre esse bloquinho o dia todo, todo dia. Há tempos isso me intriga. Afinal, o que você tanto escreve, Telma?

- Escrevo umas histórias pra passar o tempo. Há dias em que tenho pouco serviço, então me distraio escrevendo histórias. Gosto de passar pro papel casos que já ouvi, fatos que já vivi. Já enchi uns seis cadernos...

- Não me diga! Então temos aqui no escritório uma escritora e ninguém sabe! Você já mostrou pra alguém as suas obras?

- Minhas histórias distraem o pessoal da família. Minha filha, que é professora, acha que o que eu escrevo tem qualidade porque mexe com os sentimentos, mas quanto à gramática ela acha que eu sou uma negação.

- É professora até com a mãe!

- Pois é, pra falar com sinceridade, não fico muito preocupada com regras gramaticais, não. Há tantas que até já me esqueci. Gosto mesmo é das palavras, da força que elas têm. As pessoas sempre me elogiam dizendo que escrevo bem. Quando tenho dúvidas, corro ao dicionário e pronto!

- Ah, também sou assim.

- Sei que não cometo graves erros, o básico eu conheço. Volta e meia minha filha tenta me ensinar umas regras que não servem pra nada. Não consigo pôr na boca de um personagem uma coisa assim: "Telefonar-lhe-ei amanhã." Pra mim tem de ser: "Te telefono amanhã." É assim que eu falo, é assim que eu escrevo. Tá certo ou tá errado?



- *Certíssimo!* – confirmou doutora Vilma – *Agora vou lhe propor uma troca: permita que eu leia suas histórias e trarei um texto de que você vai gostar.*

- *Combinado.*

No dia seguinte, lá estava sobre a mesa da secretária o texto que foi lido e relido por ela:

O gigolô das palavras **Luís Fernando Veríssimo**

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua.

(...)

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com a gramática.) A gramática é o esqueleto da língua. (...) É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro.

(...)

Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas – isto eu disse – vejam vocês, a intimidade com a gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo à suas custas. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que os outros já fizeram com ela. Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.

Acabada a leitura, Telma guardou o texto e concluiu:

- *Isto será o combustível para o meu vôo. Tá a força de que eu precisava.*

Dicionário

No texto do conhecido escritor Luís Fernando Veríssimo, que motivou um longo estudo sobre o assunto por parte do gramático gaúcho Celso Pedro Luft, há algumas idéias sobre **gramática**. Mas o que é gramática?

1. Sem consultar livros, dê a *sua* definição de **gramática**. Depois compare o que você escreveu com as informações que virão em seguida.

.....

Possivelmente você jamais entenderia se alguém chegasse e lhe dissesse: *escrever secretária uma de gosta*, pois isso é apenas um amontoado de palavras que não tem sentido. Elas foram agrupadas de uma forma que não está prevista pelas regras da Língua Portuguesa. Aplicando tais regras gramaticais teríamos: *Uma secretária gosta de escrever*.

Estudamos a gramática da Língua Portuguesa porque essa é a língua que usamos quando nos comunicamos, falando ou escrevendo. Todas as pessoas, alfabetizadas ou não, se comunicam sem pensar na gramática que usam. E conseguem se entender bem. Mas como uma pessoa que nunca foi à escola consegue se expressar com clareza? Ela usa os conhecimentos da língua que adquiriu desde a infância em casa, na rua, no convívio com as pessoas. Mesmo sem ter ido à escola, qualquer pessoa aplica regras da gramática ao falar. Como a língua é um fato social, essas regras foram naturalmente assimiladas pelas pessoas. Na escola aprendemos a **gramática normativa**, que impõe um determinado modelo para falarmos e escrevermos de uma maneira tida como a mais correta. Veja uma possível definição de **gramática**:

Gramática é o estudo das regras de uso de uma língua. Na gramática, estudam-se as palavras, seus sentidos e as maneiras de construir frases com essas palavras, de acordo com as normas daquela língua. Na gramática são estudados todos os fatos da língua falada ou escrita.

2. No texto de Luís Fernando Veríssimo aparecem muitos termos que você pode definir de acordo com suas próprias idéias. Explique-os a seguir:

a) *Língua*:

b) *Sintaxe*:

Sintaxe: "É a parte da gramática que se dedica ao estudo das relações que as palavras estabelecem entre si quando se organizam em orações. Também estuda as relações que as orações estabelecem entre si quando formam períodos. Em outras palavras, podemos dizer que a sintaxe procura detectar a maneira de as partes da linguagem se estruturarem para formar os enunciados comunicativos."

Fonte: José de Nicola & Ulisses Infante, *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo, Editora Scipione, pág. 240.

3. Luís Fernando Veríssimo disse aos seus entrevistadores que *O importante é comunicar*. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover...). Assim, o escritor se refere à linguagem artística que *surpreende, ilumina e comove*, ou seja, a linguagem literária. De acordo com suas idéias, explique o que é *literatura*.

.....
.....

Agora, observe como o dicionário registra essa palavra:

Literatura. (Do latim *literatura*) s.f. 1. Arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2. O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época. 3. Os homens de letras. 4. A vida literária. 5. A carreira das letras. 6. Conjunto de conhecimentos relativos às obras e aos autores literários: *estudante de literatura; manual de literatura portuguesa*. 7. Qualquer dos usos estéticos da linguagem: *literatura oral*.



- Na Cematexto desta aula tanto a personagem Telma quanto o escritor Luís Fernando Veríssimo falaram de *regras* e têm suas opiniões sobre isso.
 - De que regras eles falavam?
 - Quais são as opiniões que eles têm sobre a gramática e as regras da sintaxe?
- Fazendo uso do seu humor habitual, Luís Fernando Veríssimo disse: (...) *dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo?* De acordo com o que você já estudou sobre **advérbios**, explique se o uso da expressão *escrever claro* é ou não correto.
- Que justificativa o escritor apresentou para sua implicância com a gramática?
- Explique o que Luís Fernando Veríssimo queria dizer quando afirmou que ele é um *gigolô das palavras*.
- No último parágrafo de seu texto, Luís Fernando Veríssimo compara o respeito à gramática com o amor de um gigolô por suas "meninas". Explique como você entendeu essa comparação e dê sua opinião sobre o assunto.

Entendimento

Reescritura



Luís Fernando Veríssimo escreveu a crônica *O gigolô das palavras* fazendo comentários acerca de um episódio vivido por ele: uma entrevista de alunos cujo tema era *a importância do estudo da gramática para aprender e usar a nossa língua ou qualquer outra língua*.

No exercício desta seção você será o escritor e deverá criar respostas de acordo com o que o texto apresenta. Não é necessário copiar partes do texto, mas use-o como referência para responder às questões de acordo com as idéias do autor. Se você não conhece alguma das palavras que ele usa, consulte o dicionário.

Entrevista

- a) **Aluno:** O senhor considera o estudo da gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua?

.....
.....
.....
.....

- b) **Aluno:** O que é para o senhor escrever bem?

.....
.....
.....
.....

- c) **Aluno:** Que relação o senhor faz entre a gramática e a língua?

.....
.....
.....
.....

- d) **Aluno:** O senhor parece ter uma implicância com a gramática. Por que isso acontece?

.....
.....
.....
.....

- e) **Aluno:** O senhor declara briga contra a gramática; no entanto, dentre outras coisas, ela abriga o estudo das palavras das quais o senhor faz uso para viver como escritor. Como é possível explicar esse fato?

.....
.....
.....
.....
.....

A crônica de Luís Fernando Veríssimo já provocou críticas desfavoráveis, mas também aplausos, como muito bem observou o gramático Celso Pedro Luft em seus comentários. O texto foi aqui apresentado para que você pense, reflita, concorde ou discorde de suas idéias fundamentais. Seria no mínimo estranho que num Curso de Língua Portuguesa aperecessem argumentos contra o estudo das regras da língua, contra a gramática. Esse texto está aqui para desafiar você e mostrar que é possível pensar de maneiras diferentes sobre um mesmo assunto.

Discuta com seus amigos e amigas as seguintes questões:

- Você acha que, ao aprender a norma culta da língua, ou seja, ao aprender as regras da fala e da escrita tidas como as mais corretas, você está aprendendo algo inútil?
- Você acha que por meio desse aprendizado você passará a escrever e a falar mais corretamente, tornando mais clara a sua comunicação?
- Você acha que as regras gramaticais ensinadas na escola são dispensáveis? Você se lembra de alguma?
- Aponte o que de útil você aprendeu neste curso de Português.
- Você acredita que o domínio da norma culta e um melhor conhecimento da língua ampliam as chances profissionais? Como isso pode acontecer?

O importante não é decorar as regras da gramática, mas saber usar bem a língua. E para isso, a melhor forma é a *leitura*. Quem lê bastante aprende muito e passa a se expressar melhor tanto na fala como na escrita. Nunca deixe de ler um bom livro, uma revista, o jornal ou outros materiais impressos. Ponha essa idéia na cabeça de seus filhos, de seus amigos, de seus colegas e, principalmente, na *sua* cabeça!

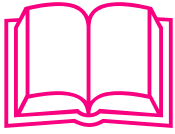
Fonte para sua reflexão: Celso Pedro Luft, *Língua e liberdade*. São Paulo, Editora Ática, 1993.



Saideira

Nesta aula foram apresentados alguns conceitos lingüísticos. O compositor Caetano Veloso criou a letra de uma canção cujo título é *Língua*. Leia, cante e aprecie:

Língua



Gosto de sentir a minha língua roçar

A língua de Luís de Camões

Gosto de ser e de estar

E quero me dedicar



A criar confusões de prosódia

E uma profusão de paródias

Que encurtem dores

E furtem cores como camaleões



Gosto do Pessoa na pessoa

Da rosa no Rosa

Eu sei que a poesia está para a prosa



Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior

E deixa os portugues morrerem à míngua

“Minha pátria é minha língua”

Fala Mangueira!



Fala! (...)

Fonte: Caetano Veloso, *Velô*. Lp Philips, 1984.

